Cambridge, Reino Unido

Andy era uma criança de muitos segredos. Havia aqueles que fingia não ouvir, que aconteciam todas as noites no quarto ao lado do seu, quando a mãe se deitava com o padrasto; os que fantasiava na cabeça, sempre que um dos colegas o ridicularizava numa aula, quando não conseguia aprender; e os outros, que não lhe pertenciam, mas que vivia intensamente, testemunhando-os de cada vez que espreitava pela claraboia do sótão com vista para a casa da frente.

Foi num dos dias em que se fechara lá em cima que Andy desapareceu. Desceu do seu esconderijo e trancou cuidadosamente o alçapão, deixando nas águas-furtadas todos os segredos que via acontecerem a partir do seu refúgio. Regressou ao quarto, onde despiu o pijama, se vestiu e pegou na mochila, colocando-a às costas. Reconstituiu a Polícia que terá ainda passado pela cozinha, preparando o pequeno-almoço: leite frio sem açúcar e uma fatia de pão duro com compota, a única coisa que sabia fazer. Depois, saiu. Não levou almoço. Não havia.

Andy não teve oportunidade de se despedir da mãe. Naquela manhã fria de inverno, descobriu-se rapidamente que nem ela, nem o homem que a maltratava, estavam disponíveis para ele. Caminhou

pela rua pedonal, em direção à paragem de autocarro. Apesar do sol tímido que o acompanhava, a calçada apresentava-se coberta de neve e soprava um vento gelado, que lhe queimava as faces rosadas.

Era o que se poderia chamar um menino bonito, daqueles que despertam nos homens que convivem com segredos que não podem ser contados, desejos e sentimentos que devem ficar por consumar. O cabelo louro, apesar de mal lavado, fugia-lhe para a testa em farripas grossas, e os olhos grandes, azuis e cristalinos, davam-lhe um ar inocente. O rosto era redondo, quase como o de um querubim, e o corpo desenvolvera-se ligeiramente mais do que o esperado para uma criança da sua idade. Tinha seis anos.

Mas o que mais incomodou as autoridades na investigação que fizeram sobre ele foi aperceberem-se do desinteresse e do pouco amor que lhe dedicavam. Ninguém se importava com o que pudesse acontecer-lhe.

Andy terá esperado cerca de dez minutos junto à paragem. Pelo menos, foi o que relataram à Polícia as testemunhas que o viram por ali, vizinhos distantes, homens e mulheres a caminho do trabalho, alguns estudantes e até uma rapariga de carapuço garrido na cabeça, que pedalava numa bicicleta pasteleira, com um monte de cadernos e livros a saltitarem no cesto. Até que apareceu o autocarro que haveria de levá-lo à escola. E ele entrou.

Sentou-se como habitualmente na fila de trás, sem ninguém ao seu lado. As outras crianças ignoraram-no. Enquanto o veículo arrancava, os olhos inocentes fitaram pela última vez a rua. Parecia idílica, quase retirada de um postal. As fachadas eram de tijolo vermelho, e as janelas, de ferro preto, contrastando com as cantarias brancas. Havia um prédio baixo, localizado em frente à sua casa, ao pé do qual ele gostava de parar, só para sentir o cheiro reconfortante a chá e bolos acabados de fazer. Fazia-o sonhar.

O autocarro continuou o seu percurso, parando ocasionalmente em muitos outros locais da bonita cidade universitária. Foram entrando alguns meninos e meninas. Quando chegaram à paragem da escola, todos saíram, correndo felizes até ao portão.

Andy não estava entre eles.

***

O cadáver foi encontrado ao fim da tarde do dia seguinte, já o Sol descia sobre a cidade e o frio começava a correr velozmente pelas ruas.

Andy fora deixado sob uma árvore antiga, num bosque minúsculo que existia junto à estrutura de madeira que atravessava o rio Cam e unia o Lado Escuro ao Luminoso de Queens' College, a Ponte Matemática.

Contudo, o corpo apresentava poucos sinais de ter sofrido uma morte calculada. Estava cinzento, nu, com marcas de um estrangulamento violento e passional espalhadas pelo pescoço.

Andy deixou o mundo, levando com ele uma mão-cheia de segredos.

Sozinho, como a criança infeliz que era, a única companhia que teve no seu último momento foi a do canteiro de flores vermelhas ao seu lado.

Eram cardeais.

«A vida — para aquelas que fazem sentido — é como subir uma montanha. Quando avançamos até ao primeiro patamar da colina, encontramos uma nova ladeira e, depois, um outro pico, e a altura que teremos de atingir parece infinita.

Mas, à medida que ascendemos, descobrimos que o ar se torna mais puro e acolhedor, que as nuvens se amontoam mais por baixo do que por cima de nós, que o Sol é mais cálido do que antes, e que temos não só uma visão mais clara do céu, como ganhamos uma visão mais clara sobre a Terra, e que o nosso horizonte se expande perpetuamente.»

Reverendo Endicott Peabody
Sermão

Preâmbulo

Fevereiro

Ponte de Clare, Cambridge, Reino Unido

Era difícil distinguir se a mancha carmesim que fora detetada na neve pela rapariga que estava de pé, à entrada da ponte, provinha do amontoado de pétalas vermelhas que existia no canteiro de flores de inverno, ou do sangue que tingia o cadáver humano que a Polícia acabara de descobrir.

O corpo foi encontrado numa manhã gélida. Os ramos das árvores tombavam sobre o rio Cam, cobertos de branco, vergados sob o peso deixado pelo nevão que durante a noite fustigara a cidade. A relva e demais vegetação, outrora cheia de cor e brilho, pespontava, sobressaindo ocasionalmente no meio do manto uniforme e alvo que se estendia ao longo das margens.

E ali, perante aquele grupo aflito de homens e mulheres fardados de preto, que corriam com dificuldade sobre a neve, seguindo as gotas de sangue como se fossem migalhas dos despojos de uma vida perdida, o curso de água seguia, plácido e sereno, escondendo entre os seus murmúrios os segredos horríveis que dias antes tinham estado na origem do crime hediondo agora revelado.

Jack, o chefe da equipa, continuou a correr e só parou quando chegou ao rio. Tinha muitos anos de experiência como inspetor na Polícia de Cambridgeshire, a força territorial de autoridade que

cobria o condado no qual se inseria a cidade universitária. Todavia, nada o preparara para aquilo que encontrou. Uma sensação de náusea formou-se imediatamente, fazendo com que soçobrasse. O cenário era bárbaro. Prostrado, de joelhos enterrados na neve e as mãos apoiadas nas coxas, começou a vomitar.

Atrás dele, sob o olhar inquieto da rapariga que descobrira o cadáver, guiado por dois agentes de patente inferior, um homem estugava o passo como podia. Ao lado do agente da autoridade, depositada entre a berma e a água, estava a cabeça decepada de uma mulher.

Junto aos portões que davam acesso à Ponte de Clare, numa posição mais elevada, Lizzie apercebeu-se do movimento na margem do rio. Resignada, encostou-se ao carro da Polícia e aceitou a caneca de chocolate quente que a agente que a acompanhava lhe ofereceu. Sentia-se enregelada e desconcertada, sem saber muito bem o que acabara de lhe acontecer.

Era franzina, uma mulher pequena. Usava na cabeça um gorro às riscas colorido, por baixo do qual fugiam as pontas espetadas e lisas do cabelo escuro que lhe dava pela linha do maxilar. No entanto, a fragilidade que emanava vinha sobretudo do ar apático com que de vez em quando contemplava o pneu rebentado da bicicleta que encostara ao gradeamento de ferro preto.

Apenas quisera ir trabalhar, mais nada, até embater no primeiro bocado. Estendida no chão, com as roupas molhadas, a pasteleira tombada sobre o piso húmido, o cesto partido, e os livros e os cadernos espalhados pelos detritos de gelo e neve que teimavam em não desaparecer, olhara, espantada, para o obstáculo que a fizera perder o equilíbrio e cair. Parecera-lhe um tronco de árvore, um ramo mais antigo e frágil, que, como um pássaro fugido do ninho, se desprendera da mãe e voara debilmente, aterrando no chão.

Mas não, aquilo não era madeira.

Tratava-se de um membro humano.

Lizzie desviou o olhar, tentando afastar do pensamento a imagem que a atormentava, enquanto se distraía com a paisagem envolvente.

Tinha na extremidade oposta da ponte a fachada clássica e dourada de Clare College, bem como parte da capela gótica da de King's. Via-se muita neve a cobrir os telhados e grande parte dos candeeiros permanecia acesa, um sinal de que a cidade ainda dormia, acordando lentamente, incauta para aquilo na companhia do qual estava a despertar.

Um homem corpulento, cujo casaco escuro com botões prateados escondia habilmente a falta de forma física, emergiu das escadas. Vinha do caminho de terra junto ao rio, subindo até aos portões de ferro. Tinha sobrancelhas ruivas, usava na cabeça um boné com uma fita axadrezada, era de meia-idade e dirigiu-se a ela com um ar abalado, de quem estava maldisposto, ou enjoado.

Lizzie tentou deduzir pela observação dos galões que usava presos nos ombros da farda qual seria a sua patente, mas foi desnecessário. O inspetor Jack McCallister da Polícia de Cambridgeshire apresentou-se.

Os resultados ainda estavam sujeitos a confirmação, mas a identificação preliminar fora bem-sucedida. Tinham recolhido a cabeça da vítima. Levando em conta tudo o que acontecera em Cambridge nos últimos dias, existia uma grande probabilidade de pertencer a uma idosa, uma das várias figuras ricas e proeminentes que integravam a elite da cidade.

Lizzie agarrou com mais força a caneca quente que segurava. Os grandes olhos verde-escuros fitaram o polícia, atentos ao nome que lhe era dito. Os dedos, que tinham começado a ganhar cor, arrefeceram rapidamente, tornando-se lívidos, gelados.

Sentiu uma tontura, as pernas a fraquejarem. Depois, só teve vontade de chorar.

Tratava-se de Laura Emanuel.

Alguém desmembrara a sua tia.

E a deixara espalhada pelas margens do rio Cam.

Cambridge, Reino Unido

Assim que se recompôs, Lizzie foi levada para a esquadra local. Não havia necessidade de ir para Huntingdon, a cidade vizinha onde se localizava o quartel-general da Polícia do condado de Cambridgeshire. Precisavam de recolher o seu depoimento. Estava duplamente relacionada com o homicídio: a vítima era sua tia e até bem recentemente vivera consigo; fora ela quem encontrara o cadáver.

A oficial destacada para acompanhá-la apanhou os livros e os cadernos que Lizzie carregava no cesto da pasteleira antes de cair, colocou-os num saco de plástico barato, que depositou ao seu lado, no banco traseiro do automóvel, e solicitou a um colega que tratasse da bicicleta. Pediu à rapariga que entrasse e se sentasse. Iam-se embora. Um grupo significativo de agentes, no qual se incluía Jack, ficaram na margem do rio. Havia muito trabalho por fazer; provas a procurar; vestígios, indícios e outras pistas por recolher.

Lizzie nunca entrara num carro da Polícia. Agarrou nos livros e nos cadernos, e apertou-os sofregamente contra o peito, em busca de conforto, ou de algo que simplesmente lhe parecesse familiar. Nas suas costas, emoldurada pelos portões de ferro preto, a fachada clássica de Clare College tornava-se cada vez mais pequena, perdendo-se atrás dela, enquanto a conduziam pela cidade gelada.

A forma como se deixara afundar no banco traseiro do automóvel, sumindo-se, era uma alegoria da vergonha que sentia. O que iria pensar quem a visse ali dentro? Que crime cometera aquela rapariga de ar jovial e inocente, que só quisera chegar a horas ao trabalho? Era como se fosse a protagonista de uma história de acasos com um desfecho infeliz.

A chegada à esquadra da Polícia também foi, para Lizzie, a primeira vez. Nunca lá entrara, pelo menos, não naquela. Recordava-se de uma ocasião, durante a infância, quando ela e os pais ainda viviam em Londres, em que, determinada, arriscara passar a porta. Queria reportar o desaparecimento do seu gato.

Claro que o *Bubbles*, o nome do animal de estimação, voltara para casa poucos dias depois. Não apresentava quaisquer sinais de maus-tratos; apenas a barriga ligeiramente mais lisa, por mal saber caçar. Mas tirando essa experiência desagradável e a expressão divertida que vira na cara do agente que a atendera, até que não tinha má impressão das autoridades. Faziam o seu trabalho e mantinham-se longe dela, tal como seria de esperar no caso de uma cidadã cumpridora e zelosa das regras.

Lizzie deu entrada na esquadra ao início da manhã, ainda o Sol ia baixo e a neve do telhado insistia em não derreter. Contudo, teve de esperar várias horas até ser ouvida. O inspetor demorou a regressar. Segundo aquilo que conseguiu perceber dos sussurros trocados entre dois agentes em pé que se encontravam por perto, o corpo da tia não fora fácil de recolher, deixado aos bocados ao longo da margem do rio. E faltava o tronco.

Assim que chegou, Jack foi ter com ela e perguntou-lhe se, antes do interrogatório, não queria comer qualquer coisa. Ele sentia-se esfomeado. Mas o único desejo da jovem era que a deixassem ir-se embora. Isso, e que pudesse levar a sua bicicleta à oficina. Como é que iria trabalhar no dia seguinte? Desde que aquele miúdo desaparecera na sua rua que não suportava sequer a ideia de entrar num autocarro.

O detetive anuiu e pediu-lhe apenas cinco minutos, o tempo suficiente para enganar a fome. Sentia o estômago vazio. Por isso, disse à polícia que ficara com ela toda a manhã que a levasse até à sala de interrogatórios. Tinha muito para lhe perguntar.

Cambridge, Reino Unido

A voz do inspetor Jack McCallister soou inesperadamente grave no meio da sala, enquanto ligava o gravador e lhe pedia que dissesse como se chamava. Lizzie olhou com um ar perdido para a parede de vidro espelhado, atrás da qual imaginou, como via nos filmes, um mar de polícias de pé a observarem-na, desconfiados. Só depois se concentrou no aparelho que acabara de ser depositado sobre a secretária.

Tirou o gorro da cabeça e deixou que o cabelo se soltasse, balouçando desajeitadamente junto ao rosto. Engoliu em seco, tentando recuperar a compostura. Sentia-se indefesa e deslocada, sem saber como se sentar, comportar, ou o que dizer. Optou por endireitar as costas e colocar as mãos no colo, segurando no carapuço colorido por baixo da secretária. O detetive reiterou a pergunta, abrindo um caderno e pegando num lápis:

— Como se chama?

— Lizz... Lizzie Emanuel — titubeou a rapariga. Não sabia bem explicar porquê, mas sentia-se nervosa.

— O seu nome completo, por favor.

— Elizabeth Ann Emanuel, mas todos me tratam por Lizzie. Também pode fazê-lo — sugeriu, solícita.

O inspetor ignorou-a propositadamente.

— Quantos anos tem?

— Vinte e oito.

— O que estava a fazer hoje de manhã, quando caiu em frente ao acesso à Ponte de Clare?

— Ia para o trabalho.

— E como se deslocava?

Os olhos grandes de Lizzie pestanejaram várias vezes na direção do homem. Não compreendia por que razão tinha de dizer tudo aquilo. A Polícia não sabia já?

— Precisamos que fique registado — explicou Jack, percebendo a sua confusão.

— Ia de bicicleta — respondeu ela, tentando manter uma voz firme.

— É o seu meio de transporte habitual?

— Sim. Comprei-a quando viemos viver para Cambridge.

— Onde é que vivia antes?

— Em Londres. — Lizzie calou-se e abriu e fechou os lábios, indecisa: — Pensei que já explicara esta parte, quando me interrogaram em casa, no dia em que a minha tia desapareceu.

— A mim, não.

— Não, a outros dois agentes, aqui de Cambridge. Porque está cá?

O inspetor continuou de cabeça baixa, entretido a tomar notas no caderno. A rapariga parecia tímida, ligeiramente inocente, o que o fez retrair-se um pouco. No entanto, decidiu pô-la na ordem:

— Por favor, deixe as perguntas comigo.

— Era minha tia. Tenho o direito de saber.

Jack foi apanhado desprevenido pela resposta de Lizzie. Fitou-a.

— O que lhe aconteceu, sim, mas não por que motivo foi chamado um agente de patente superior.

Lizzie voltou a engolir em seco. Não era atrevida; apenas fora sempre muito curiosa.

— Desculpe — balbuciou.

— Há quanto tempo é que se mudou de Londres para cá?

— Há cerca de cinco anos.

— E a sua tia vivia consigo desde então?

— Sim.

— Muito bem. O que é que encontrou hoje de manhã, quando ia a chegar à Ponte de Clare e caiu da bicicleta?

— Um... um braço.

— Pareceu-lhe um membro humano, na altura?

— Não. Julguei que se tratava de um ramo de árvore.

— Então, tocou-lhe?

— Não. — Lizzie disfarçou mal uma careta. — Não ousaria.

— E depois, o que aconteceu?

— Levantei-me e foi, então, que vi a mancha.

— A mancha vermelha na neve?

— Sim.

— Onde?

— Junto ao rio, na margem.

— Como é que sabia que se tratava de sangue?

— Não sabia.

— Poderiam ser flores?

— Sim, mas na altura associei as duas coisas e pensei que era sangue.

— Sabe que os cardeais são vermelhos?

— Cardeais?

— Sim, são flores de inverno.

— Não sei... Talvez... Nunca pensei nisso.

— O que fez a seguir?

— Telefonei à Polícia.

— E o braço?

— Ficou ali.

— À sua frente? Sem lhe tocar?

— Sim.

O detetive fez uma pausa. Olhou rapidamente para a folha cheia de gatafunhos, desenhou uma bola malfeita em torno de uma palavra, que Lizzie não percebeu qual era, e prosseguiu:

— Enquanto esteve parada junto aos portões que dão acesso ao Portão de Clare, o que fez?

— Esperei que chegassem, já disse.

— Viu mais alguma coisa que lhe parecesse suspeita?

— Não.

— Pegadas, talvez?

— Não.

— Gotas de sangue?

— Não.

— Outras pessoas, quem sabe, alguém a afastar-se?

— Não. Estava sozinha. Era cedo.

— O que fazia ali, àquela hora?

— Ia trabalhar, já disse.

— Onde vive?

Lizzie respondeu-lhe. Parecia-lhe que o inspetor andava às voltas, como se quisesse baralhá-la.

— Mas isso é no lado oposto da cidade. Onde trabalha?

— Na Biblioteca de Wren, em Trinity College. Sou sub-bibliotecária.

— Fica localizada no seu lado do rio Cam, certo?

— Sim.

— Então, o que fazia na outra margem? Ou na Ponte de Clare? Não conheço assim tão bem a cidade, mas julgo que não precisa de atravessar o rio para ir trabalhar. A sua casa e a biblioteca situam-se na mesma margem, como acabou de admitir.

— É a única altura do dia em que faço algum exercício físico. É o caminho mais longo, mas escolho-o sempre. Gosto de passear junto ao rio. Normalmente, ao fim do dia, vou direta para casa.

— A Ponte de Clare não é o acesso mais direto a Trinity College. Não deveria ter ido por duas pontes mais abaixo?

— Sou uma antiga aluna de Clare. Deixam-me passar por lá. Gosto.

— É formada em quê?

— Literatura Inglesa.

— E trabalha como bibliotecária?

— Não. Sou a sub-bibliotecária. Existe uma pessoa acima de mim.

— Muito bem, sub-bibliotecária. Não é uma ocupação demasiado modesta para alguém que estudou em Clare?

— Adoro livros. São a minha única paixão.

— Mas se se formou cá... Pensei que até há cinco anos vivia em Londres.

— Estudei em Cambridge, depois regressei brevemente a Londres, e só então é que me fixei permanentemente aqui.

— Porque o fez?

— Já lhe disse, por causa da minha tia. Necessitava de alguém que cuidasse dela.

— Há quantos dias é que desapareceu?

Lizzie conteve um suspiro. Voltas e mais voltas.

— Há três dias.

— E não tem qualquer ideia de como é que tal aconteceu? Creio que estava acamada.

— Não. Simplesmente levantei-me de manhã e não a encontrei em casa.

Jack parou novamente durante alguns instantes. Consultou as notas, olhando os rabiscos com um ar pensativo.

— Há pouco, quando estávamos no início do interrogatório e disse que comprara a bicicleta quando viera viver para Cambridge, utilizou o verbo no plural. Foi um mero erro gramatical, ou veio mais alguém consigo?

Lizzie estranhou a pergunta, mas respondeu sinceramente:

— Referia-me ao meu irmão.

— Vive consigo?

— Eu é que vivo com ele. É o dono da casa.

— Como é que se chama?

— Adam.

Jack fitou novamente a rapariga. Os olhos do polícia evidenciavam uma leve expressão irónica.

— Adam Emanuel?

— Não, Immanuel — admitiu ela. Não queria mentir; apenas sabia que ele detestava a exposição do apelido familiar e preferia a adaptação comercial, entretanto popularizada com o sucesso literário que conquistara.

— Como o escritor famoso.

— Sim.

O detetive respirou fundo. Fechou o caderno e recostou-se na cadeira. Estudou momentaneamente a rapariga. O cabelo curto, os olhos grandes, a pele branca e a compleição franzina davam-lhe, realmente, um ar de fragilidade, como se fosse um bem precioso, raro, feito de porcelana, que estivesse na iminência de se partir.

Mas os acontecimentos do dia anterior, o motivo que o levara a pernoitar em Cambridge e a razão pela qual estava tão cedo na cidade, mesmo apesar da hora matinal a que ela reportara à Polícia a descoberta macabra que fizera na ponte, não poderiam ser ignorados.

Aquele era o momento de ir até ao fundo da questão.

— As investigações feitas por esta esquadra apontam para que a sua tia tenha deixado uma grande fortuna.

— Sim... Eu... Não sei... Calculo que sim. O meu tio era um homem consideravelmente abastado.

— Contrariamente aos seus pais e ao resto da família, não é verdade?

— Os meus pais tiveram o suficiente para nos criar, a mim e ao meu irmão.

— Os seus pais já não são vivos?

— Não.

— O que aconteceu?

— Morreram num acidente de carro, quando eu e o meu irmão éramos mais novos.

— Que idade tinha?

— Dez anos.

— E foi aí que passou a viver com os seus tios?

— Sim, eu e o meu irmão.

— Mas nem sempre, ou estou a fazer confusão?

— Tanto eu como ele saímos de casa para estudarmos, aqui em Cambridge, como disse.

— E a sua tia Laura veio convosco?

— Não. Ficou em Londres. O meu irmão só a acolheu mais tarde, quando passou a precisar de cuidados permanentes.

— Ouvi dizer que os seus tios protagonizaram uma grande história de amor.

— Sim, a tia Laura era casada na altura em que se conheceram, em Itália.

— E ela herdou toda a sua fortuna quando ele morreu?

— Acho que sim.

— Acha? Não tem a certeza?

— Sim, tenho. Desculpe-me. Sinto-me algo baralhada.

— Tiveram filhos?

— Não.

— Existem atualmente alguns familiares próximos vivos, como, por exemplo, irmãos?

— Não.

— Então, quem são os herdeiros dela?

Jack reparou no desconforto que se manifestava no rosto da rapariga.

— Eu e o Adam — admitiu ela. — Mas isso não quer dizer que...

— Um dia depois do desaparecimento da sua tia, um menino, que curiosamente também vivia na sua rua, precisamente na casa em frente, desapareceu — interrompeu-a o inspetor. — Ouviu falar do caso?

— Sim. Toda a cidade sabe. Também prestei declarações, por o ter visto nesse mesmo dia na paragem de autocarro.

— Conhecia-o?

— Não. Só de vista, mas não me recordo de alguma vez trocar sequer um par de palavras com a mãe. Tem um ar pouco amistoso.

— Muito bem. Vamos, então, falar sobre o seu irmão.

Lizzie percebeu a gravidade no olhar do polícia. As íris claras escureceram e adquiriram uma tonalidade sombria, grave. A rapariga sentiu um ligeiro formigueiro no estômago. Mas não, não era fome. Torceu o carapuço por baixo da secretária, tentando afastar a ansiedade súbita que começou a sentir. Todavia, não resultou.

Tremia, uma sensação que se agudizou assim que ouviu a pergunta seguinte:

— Onde estava o Adam na manhã em que o menino desapareceu?

King´s College, Cambridge, Reino Unido

Adam não ouviu as várias chamadas que a irmã fez para o telemóvel dele assim que, a meio da tarde, finda que estava a sua colaboração com a Polícia, a dispensaram. A insistência de Lizzie não fora tanto uma tentativa de avisá-lo, mas mais um desejo, ou uma ânsia, de partilhar com ele a aflição que sentia face aos desenvolvimentos inusitados da manhã.

Acabara por entaramelar-se quando o inspetor a pressionara sobre o paradeiro de Adam no momento em que o menino desaparecera. Mostrara-se nitidamente constrangida quando confessara que não sabia onde é que ele estava, ou sequer na tarde do dia anterior, altura em que tinham encontrado o cadáver. Mas o que a perturbara ainda mais fora a constatação da profundidade da sua ignorância. Até àquele dia, ela nem sequer sabia quem era a criança, ou a família, apesar de viverem na casa em frente.

Claro que isso pouco importava a Adam, que passara o dia bastante ocupado. Começara por dar uma palestra sobre Chaucer, um escritor e filósofo inglês recordado sobretudo por *Os Contos de Cantuária*, uma obra que deixou inacabada, mas que, mesmo assim, se transformou numa das mais importantes da literatura medieval.

Ao sair da sala, recebera uma mensagem escrita a pedir com urgência uma reunião, o que fizera com que almoçasse à pressa,

enquanto respondia rapidamente a alguns *e-mails* através do telemóvel. De seguida, trancara-se no seu gabinete na faculdade, no interior do qual se deixara arrastar para uma longa e extenuante videochamada com o seu editor. Ellis tinha muito que fazer, se realmente desejava redimir-se.

A Morte do Papa, o livro mais recente de Adam, fora publicado somente algumas semanas antes. Tratava-se de uma rara incursão no género dos *thrillers* para o escritor que já ganhara o Man Booker, o prémio literário mais importante no Reino Unido, com *Raiva*, um romance contemporâneo sobre relações familiares. Porém, a aposta feita estava a revelar-se extremamente bem-sucedida. Saltara imediatamente para o primeiro lugar dos *tops* da maioria das livrarias, uma posição que continuava a ocupar, prometendo manter-se aí durante os meses seguintes, uma vez que as vendas aumentavam de semana para semana.

Dera um passo inesperado na sua carreira. Conhecido pela prosa elegante e profundidade com a qual caracterizava as personagens, muitos diziam que o escritor protagonizara uma viragem de «cento e oitenta graus». O livro, que era quase todo passado na Cidade do Vaticano, versava sobre os acontecimentos da noite em que o antigo Papa Mateus I, um amigo chegado da família, fora encontrado morto nos seus aposentos no Palácio Apostólico, em circunstâncias contraditórias.

A Santa Sé deixara muito por explicar; os meios de comunicação social tinham realizado uma cobertura exaustiva do caso, lançando para o ar mais perguntas do que respostas; e Adam, que conseguira aceder a informações exclusivas sobre o núcleo de cardeais e outras personalidades próximas do Papa, aproveitara para transformar o livro numa verdadeira bomba atómica, que assim que chegara aos expositores das livrarias incinerara as prateleiras. A controvérsia inerente aos temas apresentados era grande; a ousadia da abordagem, com sexo e outros vícios de igual valia à mistura, também; e a complexidade dos arcos narrativos da história fora apenas suplantada pela imagética poderosa.

Porém, na última conversa entre ambos, Ellis incorrera numa falha enorme, admitindo ter perseguido obsessivamente um crítico literário que sempre ignorara Adam. O resultado fora uma recensão que poderia arrasá-lo. Era quase como se o editor tivesse tentado a autodestruição e, para compensar o seu autor prodígio, acabara por prometer-lhe uma novidade que certamente lhe agradaria, mas que ainda não assegurara completamente. Ultrapassado esse passo, assim que a reunião virtual começara, contou-lhe, afinal, qual era o grande segredo que contivera com tanto esforço.

O livro, n.º 1 em Inglaterra, tornara-se no mais rápido êxito de vendas de que havia memória, já garantira o estatuto de *best-seller*, era disputado pelas principais editoras estrangeiras e, agora, a *Working Title*, a mais influente de todas as produtoras cinematográficas de origem britânica, responsável por vários filmes de sucesso nas últimas duas décadas, fizera uma proposta descaradamente irrecusável.

Garantia um realizador de renome e um elenco com pelo menos um ator premiado com um *Oscar*. Só havia um pormenor que tinham de acertar. Para a produtora, tratava-se de algo bastante insignificante. Todavia, no que dizia respeito a Adam, o problema era grande — tratava-se do argumento. Tinham uma equipa criativa pronta a começar a trabalhar no dia seguinte, se fosse preciso. Bastaria que o escritor dissesse que sim.

— Não — respondera Adam, depois do almoço, sentado em frente ao computador, no seu gabinete na faculdade. — Já disse que não.

Em Londres, num sofá de costas baixas, atrás do qual existia uma janela grande, com uma vista desafogada sobre o rio Tamisa, Ellis, um homem de cabelo branco e cortado à escovinha, que parecia estar sempre vestido do mesmo modo — um casaco de *tweed* azul-escuro, com um padrão de quadrados delineados por riscas brancas, uma camisa a condizer e um laço — compusera os óculos de massa preta, desconcertado. Raramente lhe deslizavam pela cana do nariz. A última vez que tamanha infelicidade lhe acontecera fora quando um dos seus autores prediletos se deixara apanhar na teia do escândalo *#metoo*. Nunca sentira uma vergonha tão grande.

Mas, então, emergira Adam, o menino adorado da literatura britânica, cujos primeiros três livros não só tinham feito com que a maioria da crítica implorasse por mais, como acabara de lhe oferecer aquele que ameaçava tornar-se no maior êxito editorial da década. Não deixaria que o desapontasse; ele, não.

— Já imaginaste a publicidade que esta notícia irá gerar?

— O livro está a alimentar-se sozinho. As vendas aumentam a cada semana que passa.

— Mas vai haver um momento em que irão descer.

— Tornei-te num homem rico com os meus primeiros três livros. Tenho a certeza de que aguentarás um pequeno revés, se for o caso.

Ellis suspirara. Depois da última conversa, o clima entre os dois tornara-se tenso e agora ele estava a esforçar-se por se redimir dos erros do passado. Que mais poderia dizer para convencê-lo?

— Adam, por favor.

— Já te disse que não.

— Mas é a *Working Title*, pelo amor de Deus! Não compreendes?

— Não quero saber.

— Dizem que conseguem ir buscar a mesma equipa que escreveu o filme da Paula.

— A Paula pode ir beber um copo à minha conta, se quiser, que eu pago e não digo a ninguém.

— Oh! — bradou Ellis, levando afetadamente as duas mãos ao peito. — Não maldigas a Paula; sabes que a adoro. Com todo o meu coração!

— O livro é meu. Eu escrevo o argumento.

As palavras de Adam emudeceram o londrino. Os olhos do seu prodígio, que eram de um tom verde-profundo e transmitiam uma intensidade invulgar, como se ele carregasse dentro de si uma dor imensa, faiscavam de ira e raiva, sobressaindo no centro do ecrã, transformando-lhe o rosto numa expressão aterradora, que nunca antes lhe vira.

O seu mau génio era sobejamente conhecido dentro da editora. As revisoras odiavam-no e um dos *designers* ameaçara despedir-se quando ele vetara três vezes a capa de *A Morte do Papa*. Se o assunto

fosse a edição dos seus livros, a regra era simples: a última palavra pertencia-lhe. Aliás, Ellis só se recordava de algo acerca do qual se poderia dizer que era mais possessivo — as suas mulheres.

Durante a sessão fotográfica que protagonizara para uma campanha publicitária a um relógio pouco tempo depois de publicar o seu segundo livro, Adam conhecera uma manequim famosa. Ninguém sabia grandes detalhes, mas era um facto assente que a paixão fora ardente, quase tanto como a rutura. Correra o rumor de que no que era dele, mais ninguém tocava. Ainda assim, o olhar que Ellis lhe vira no fim daquela videochamada transmitira algo ainda mais negro. Fizera-o sentir medo.

Após alguns segundos de um confronto mudo, em que os dois homens se fitaram, Adam acabara por desligar abruptamente, sem sequer se despedir do editor. O escritor conhecia Ellis há alguns anos e sabia bem como lidar com ele. Era um rato, um parasita do sistema, do qual infelizmente necessitava, porque as suas boas relações na comunicação social lhe abriam portas, conseguiam entrevistas e lhe davam nomeações para prémios. Mas bastar-lhe-ia deixá-lo na dúvida durante um dia ou dois, e rapidamente o editor viria até ele a rastejar. Tinha a certeza de que a *Working Title* apareceria imediatamente atrás.

Foi exatamente por causa disso, porque o irmão de Lizzie Emanuel necessitava de dissipar a frustração que sentia, que o inspetor Jack McCallister da Polícia de Cambridgeshire teve de percorrer os corredores velhos, com os soalhos a ranger, de King's College, ignorar o olhar altivo dos alunos de uniforme com os quais se cruzou e seguir o som dos floretes a embaterem um no outro, até conseguir encontrá-lo.

Foi dar com Adam numa sala antiga, mas restaurada, com móveis castanho-claros e uma vista desafogada para o rio Cam. Uma luz ténue, típica do inverno, entrava timidamente pelas janelas, refletindo-se nas estantes clássicas de madeira antiga, apinhadas de livros. E, no centro, sobre uma pista improvisada, dois homens,

um vestido com um fato negro, e o outro, trajado de branco, desferiam golpes contundentes, enquanto gritavam palavras em francês.

Jack deixou-se ficar em pé junto à porta, acompanhado por quatro dos seus agentes. Observou pacientemente o par, até este dar pela presença deles. O som dos floretes parou finalmente e o vulto de branco removeu do rosto a máscara, sem fôlego, abrindo a jaqueta para aliviar a pressão que esta lhe fazia sobre o peito. Tratava-se de um sujeito alto, de cabelo louro, que parecia ter ficado bastante incomodado com a interrupção.

Jack esperou que o outro homem fizesse o mesmo e só depois é que ele e os polícias que o apoiavam avançaram até à pista. Vestido de negro, com o rosto transpirado e o cabelo encaracolado, algo comprido e húmido, Adam olhou-o, com altivez.

— Mas o que vem a ser isto? Quem julga que é?

— Sou Jack McCallister, da Polícia de Cambridgeshire. Adam Immanuel?

Os dois homens digladiaram-se num confronto silencioso. Jack não era grande leitor; deixava isso para a mulher, que não passava uma noite sem adormecer com um livro nas mãos. Mas tinha boa impressão dos escritores. Achava-os pessoas simpáticas, uma vez que há muito se habituara a partilhar com eles o leito conjugal. No entanto, não era o caso daquele. Havia em Adam uma arrogância e uma superioridade próprias de quem se julgava intocável. Ou, então, mais inteligente do que todos os outros.

— Sim, sou eu. Porque está aqui?

— O corpo da sua tia, Laura Emanuel, foi encontrado esta manhã, junto ao rio Cam. O assassino desmembrou-a, deixando a cabeça, um braço e demais membros espalhados pela neve.

De pé ao lado de Adam, o outro homem empalideceu repentinamente e deu um passo atrás, quase cambaleando. Jack continuou:

— Estou também a investigar o homicídio de um menino que vivia na casa em frente à sua.

O rosto de Adam permaneceu impassível. A transpiração que lhe corria pela cara não parou e ele manteve-se hirto, com as pernas ligeiramente afastadas e a máscara debaixo do braço, enquanto

empunhava o florete apontado ao chão, como se estivesse a ser apresentado ao público no início de uma prova olímpica de esgrima.

— Por favor, venha comigo — acabou por dizer o inspetor da Polícia de Cambridgeshire. — Se resistir, será pior. Vim aqui para prendê-lo.